



EDUCOMUNICAÇÃO NA PANDEMIA

Marcela Cristiane Ribeiro Brito¹
Ronaldo Eustáquio Feitosa Senra²
Thiago Cury Luiz³

RESUMO

A pandemia do coronavírus é o pano de fundo para a realização da presente pesquisa cujo objetivo é suscitar o debate sobre a importância da educomunicação no processo de ensino e aprendizagem, na promoção do protagonismo e na formação de estudantes críticos e questionadores sobre as temáticas relacionadas à realidade. A metodologia da pesquisa é estudo de caso de cunho fenomenológico por entender que a interpretação das informações se destaca neste contexto pandêmico, cujas pessoas estão atuando pela preservação da vida e pela manutenção da rotina de estudos, agora de forma remota. Os autores Ismar de Oliveira Soares, Guilherme Orozco e Paulo Freire são apresentados para dialogar acerca da importância das práticas educacionais na escola. Entre os resultados das interpretações das aulas online e atuação dos estudantes da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença de forma não presencial na instituição de ensino estão a maior interação entre os que atuam educacionalmente, produção de conteúdos midiáticos críticos e reflexivos e, questionamentos sobre o contexto de pandemia, além de medidas assertivas para lidar com os desafios de estudar de maneira remota.

Palavras-chave: Educomunicação, Pandemia, Aulas online.

INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus causou transformações na sociedade, mudou o modo de interação entre as pessoas, interferiu nas relações interpessoais, e a escola foi afetada diretamente com a suspensão das aulas no modo presencial e, após um período de quarentena, ocorreu a retomadas do ensino, mas de forma virtual.

O ambiente de estudos deixou de ser a tradicional sala de aula com a carteira escolar e a lousa. Agora, tanto os estudantes quanto os professores atuam em um dos cômodos da própria casa, quando isso é possível. Porém, as maiores transformações dizem respeito à vida, ou melhor, a manutenção do viver bem sem a contaminação do vírus.

¹ Graduanda do Curso do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen) do Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT, marcelacrbrito@gmail.com;

² Pós doutor em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, ronaldo.senra@svc.ifmt.edu.br;

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, thcluiz@gmail.com;
Projeto de Pesquisa do GEAC/PPGen/IFMT, com financiamento do Edital nº 52/2020 PROPES/IFMT;



Medidas de segurança são diariamente reforçadas pelos jornais e informes publicitários, o uso de máscaras em ambientes públicos tornou-se realidade, o velho hábito de lavar as mãos com água e sabão agora é regra para a sobrevivência.

Em agosto deste ano, o país registrou a triste marca dos cem mil mortos vítimas da covid-19, conforme dados divulgados pela imprensa e órgão de controle da doença. Há registro de colapso no sistema de saúde pública e limitação de acesso ao atendimento médico, desequilíbrio econômico, desemprego e falta de alimentos para muitas famílias. Todos estes fatores influenciam na vivência de crianças e adolescentes que agora estão privados de sair de casa e passaram a estudar de modo online.

A educomunicação, que é um paradigma que norteia ações inovadoras que une duas grandes áreas: educação e comunicação, se apresenta neste contexto de pandemia para possibilitar o protagonismo neste processo de ensino e aprendizagem com criticidade e superação. O objetivo do estudo em andamento é mobilizar o debate para a importância de iniciativas educacionais que motivem tanto os estudantes quanto os professores a trabalharem as temáticas propostas nas aulas remotas de forma contextualizada, ativa e crítica, sendo as produções de conteúdo uma forma de expressão e partilha de saberes, além de motivar a criatividade.

O atual momento de reclusão, de isolamento social, exige que as pessoas atuem para possibilitar a preservação da vida, desta forma, as aulas deixaram de ser no ambiente físico. Sendo assim, as aulas presenciais foram substituídas pelo ambiente virtual, pela busca de sinal de internet para acompanhar a aula online das disciplinas disponíveis na matriz curricular, pela utilização de computador (quando se tem este aparelho em casa) ou o aparelho de celular. Além da disposição que já era necessária para assistir as aulas, os estudantes precisam se adaptar a realidade para dar continuidade aos estudos e encarar os desafios da pandemia.

O presente trabalho se desenvolve em uma escola estadual da periferia de Cuiabá, em Mato Grosso. A realidade de parte das famílias dos estudantes desta instituição de ensino, Manoel Cavalcanti Proença, se caracteriza pelos desdobramentos da pandemia da covid-19 no país: mães e pais desempregados ou em subempregos, ausência de regularidade das principais refeições do dia, e há casos de estudantes que vivem em ambientes de violência. Elencar esta situação nos permite atuar de forma mais reflexiva com este grupo em situação de vulnerabilidade, com este grupo de educandos que tenta acompanhar as aulas online, quando conseguem.



Ao analisar a realidade socioeconômica da população e o coronavírus, Sato (2020) afirma que só existe democracia na enfermidade quando o acesso ao tratamento é realidade para todos.

Igualmente, recusamos a acreditar que seja um coronavírus “socialista ou democrata” por contaminar todos sem distinção de classe, raça ou credo. Sua forma de contágio pode ter uma cartografia universal, contudo, o índice de mortes é violentamente maior nas periferias, e expressa, novamente, a geografia da fome. Democracia só existe quando as condições de acesso médico forem iguais, quando os trabalhadores conseguirem comprar seus remédios, ou quando as máscaras forem de preços acessíveis a toda população. (SATO, 2020, p. 11)

Saber a realidade das crianças e adolescentes que estudam na escola permite aos educadores mediar aulas de acordo com as vivências de cada pessoa que participa das aulas remotas. E a educomunicação se apresenta como um paradigma norteador de práticas que favorece a participação reflexiva dos educandos e educadores. Gómez (2014) afirma que “Os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e a educação.” (GÓMEZ, 2014, p.33)

Soares (2014) define educomunicação como uma comunicação essencialmente dialógica e participativa. Neste processo, ocorre a gestão compartilhada dos recursos de comunicação. Ao se observar o recurso mais utilizado pelos estudantes está o dispositivo móvel, celular. É a principal ferramenta, que em alguns contextos, há casos de famílias que dividem um único aparelho para que dois ou três filhos possam acompanhar as postagens de cada aula. Pode-se citar aqui o primeiro desafio desta prática comunicativa que é justamente a gestão compartilhada de recursos citadas pelo autor.

Entre as iniciativas que podem ser trabalhadas durante as aulas online estão as produções educacionais através de arranjos comunicacionais como o vídeo, a fotografia, o áudio e os textos online. A produção de conteúdo de áudio através de *podcast* (textos nos formato radiofônico com objetivo de comunicar informações) ou os vídeos por meio dos aplicativos de imagem disponíveis nas plataformas digitais são caminhos para as produções de conteúdos críticos tanto dos educandos que podem



amplificar suas vozes, se empoderarem da comunicação para o debate das temáticas atuais em meio à pandemia e partilharem suas vivências.

Importante se faz observar, bem como aponta Soares (2019), que a educomunicação não acontece exclusivamente na escola, mas em espaços onde a partilha dos saberes é motivada.

Com esses propósitos, encontramos a ação educ comunicativa em diferentes espaços: na família, nos grupos comunitários, em organizações do terceiro setor, em escolas, nas políticas de educação ambiental, na mídia. É importante notar que a prática de uma comunicação dialógica, participativa, democrática e favorecedora de aprendizagens significativas para a área dos direitos humanos é adquirida, pelos sujeitos sociais, em processos coletivos de aprendizagem. Trata-se de convicções e de hábitos formados no contexto de uma práxis social que contempla processos complexos de experimentações e de confrontações de ideias (visões de mundo), partindo do cotidiano dos grupos de convivência. (SOARES, 2019, p. 25)

A comunicação aliada ao ato de ensinar é uma das defesas de Freire (1983) ao afirmar que a ação comunicativa leva a busca de significados.

Por isto é que a tarefa do educador não é a de quem se põe como sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível para, depois de conhecê-lo, falar dêle discursivamente a seus educandos, cujo papel seria o de arquivadores de seus comunicados. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 1983, p.46).

A professora ou professor, ao motivar a turma a refletir sobre a atualidade e, com base nos debates, produzir um material midiático para ser compartilhado, faz com que a pessoa que assume a tarefa faça pesquisa, questione sobre o assunto, dialogue com outras pessoas para a produção do seu vídeo ou a elaboração do seu texto.

Por isso, o papel mediador do docente é fundamental no processo educ comunicativo, pois a educadora ou educador assumem o papel de partilha de conhecimento e não de transmissor. Tardif (2004) reforça a ideia do professor que atua como ator social.

[...] um professor de profissão não seja somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por agentes sociais: é um ator no sentido



forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. (TARDIF, 2004, p.230)

À medida que o processo de debate e partilha ocorre, as práticas educacionais se materializam. Sobre a interação do estudante no processo de ensino-aprendizagem, Freire (2015) afirma o quanto é importante “estar sendo” na trajetória do conhecimento: “É preciso, porém, que tenhamos resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o Ser Mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo” (FREIRE, 2015, p. 76).

Soares (2019) apresenta o perfil dos estudantes que se inserem neste universo que une educação e comunicação: “Para estes sujeitos em formação, a comunicação é entendida - ela mesma - como um direito ao qual estão tendo acesso. Pelo que vivenciam, ficam extremamente agradecidos e fortemente mobilizados a engajarem suas energias em causas que julgam justas e de interesse para toda a comunidade.” (SOARES, 2019, p.16)

Este engajamento se reflete nas aulas, na realidade vivenciada nas comunidades, no interesse do estudante e do educador em querer fazer mais do que apenas assistir aulas. A educação possibilita este “ir além” do que já ocorre nas aulas que antes eram presenças e agora estão online, é possibilitar a reflexão de que todos são atores sociais que podem fazer a diferença no campo da educação e da vida social.

Mas, a educação não acontece de forma automática no ambiente escolar. Como já foi citado, o desafio de acesso às tecnologias dificulta a ampliação do ser educacional neste universo virtual. Mas, é preciso observar que rupturas devem ocorrer para que os participantes possam atuar em defesa do seu ponto de vista com elementos argumentativos.

A difusão massiva dos meios de comunicação, principalmente da televisão, transformou o entretenimento audiovisual numa fonte de inspiração e aprendizagem para os jovens criarem e produzirem conteúdos escolares. Como o sistema educacional não evoluiu conjuntamente com a sociedade, não foram promovidas uma série de atualizações de suas práticas de ensino, e ainda são oferecidos aos jovens modelos de



aprendizagem baseados apenas na leitura e interpretação do texto escrito. Devido às demandas pela produção de conteúdo, os educadores se viram obrigados a alargar os horizontes de suas pesquisas visando o desenvolvimento de abordagens apropriadas para a aquisição de novas habilidades por parte dos jovens, como a criação de conteúdos para diferentes mídias, gêneros e formatos. Os novos arranjos do sistema educacional e a organização das estratégias transmídia e das habilidades de aprendizagem informal na perspectiva de um conjunto de competências midiáticas, permitiu aos sujeitos vivenciarem e experimentarem novas práticas comunicativas de interpretação e produção de textos, bem como um importante processo de interação/inclusão dos jovens nas novas paisagens midiáticas. (MASSAROLO E PADOVANI, 2019, p. 35)

Estes novos arranjos pensados como prática de ação perpassa pelo docente que acredita na mudança, em uma nova postura em sala de aula que motive a turma a pensar que a vida pode ser melhor para todos, que a vida digna deve ser direito efetivado. Freire (2015) destaca que:

[...] A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho.

É a partir desse saber fundamental – *mudar é difícil mas é possível* – que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto como o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão de obra técnica.

O êxito de educadores como Danilson está centralmente nesta certeza que jamais os deixa de que é possível mudar, de que é preciso mudar, de que preservar situações concretas de miséria é uma imoralidade. É assim que este saber que a história vem comprovando se erige em princípio de ação e abre caminho à constituição, na prática, de outros saberes indispensáveis. (FREIRE, p. 77, 2015)

No decorrer do trabalho, através do diálogo entre autores que debatem a educação, a comunicação, a prática docente e a educomunicação, as reflexões acerca das ações que motivam tanto os educadores quanto os educandos se fazem necessárias no sentido de contribuir para que a formação escolar oportunize a valorização do protagonismo estudantil e da quebra de paradigmas tradicionais.

METODOLOGIA



Pretende-se com a pesquisa mobilizar o debate sobre a importância das iniciativas educacionais durante a pandemia do coronavírus na Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, situada em uma região periférica da capital de Mato Grosso. A metodologia de pesquisa é com base no estudo de caso na perspectiva fenomenológica.

Conforme Gil (2008), neste tipo de pesquisa partindo da fenomenologia, quem pesquisa se atenta, sobretudo ao que está presente na consciência do sujeito e o modo como o conhecimento de mundo se dá. “O objeto de conhecimento para a Fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2008 p. 14).

O processo de acompanhamento desta nova realidade modificada pela pandemia do coronavírus na Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença é possível pelo fato da pesquisadora em questão atuar na função de coordenadora pedagógica e poder acompanhar virtualmente o andamento das aulas das turmas de 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental. As aulas são realizadas em plataformas digitais e grupos de conversa via aplicativo online.

A interação ocorre diariamente no horário de aula, as professoras (todas pedagogas do 1º ao 5º ano) e os docentes de área para as turmas do 6º ano compartilham vídeos, áudios e imagens com produções próprias ou de outras fontes devidamente citadas de acordo com os roteiros de aula, e a participação ocorre de acordo com as propostas apresentadas por cada aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na observação da nova rotina de trabalho desenvolvida pela escola, cujo principal instrumento de comunicação são os aplicativos de conversa, a pesquisa elenca as iniciativas educacionais como ações que possibilitam maior interação dos estudantes neste momento de aulas remotas, mais interesse em busca de entendimento para a produção midiática sobre as temáticas propostas.

O educador e o educando que assumem iniciativas educacionais apresentam menos resistências aos desafios apresentados pelas aulas online como a inovação



durante as aulas, utilização de recursos tecnológicos e até ampliam a capacidade de apresentar soluções frente às adversidades.

A pesquisa em curso leva em consideração fatores relacionados tanto ao ambiente escolar, a prática docente, a atuação dos estudantes, quanto fatores socioeconômicos que influenciam diretamente no processo de ensinar e aprender tanto de quem ensina quanto de quem aprende.

Conforme já foi observado, a educomunicação tem como um dos entraves a limitação de acesso às tecnologias como computador, celular com maior capacidade de interação e armazenamento, e acesso à internet de qualidade por parte dos estudantes e até mesmo dos docentes.

Elencar o contraponto para se praticar ações que unem a educação e a comunicação se apresenta como ato educutivo por reconhecer a existência de limitações e citar os fatores socioeconômicos. A presente pesquisa faz a defesa da educomunicação, mas reconhece as dificuldades existentes na rotina dos participantes relacionadas ao acesso no que diz respeito à logística para a prática.

O coronavírus traz desafios e transformações para a educação, coloca em xeque as vidas das pessoas, explicita as desigualdade do ponto de vista econômico e social, e a comunicação aliada ao ato de ensinar se apresenta como alternativa para amplificação de vozes e promoção de protagonismo neste mundo de sobrevivência com a manutenção da vida e posicionamento crítico diante da realidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 51.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, Antônio Carlos. *Modos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MASSAROLO, J. C.; PADOVANI, G. Letramento transmídia: um estudo sobre a produção de conteúdos escolares colaborativos. In: MOREIRA, B. D. *Educomunicação e Transmídia: um Encontro na Escola dos Media, Ciência e Saberes Populares*. Cuiabá-MT: EdUFMT, Editora Sustentável, 2019.



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

OROZCO GÓMES, G. *Educomunicação: Recepção midiática, aprendizagem e cidadania*. São Paulo: Paulinas, 2014.

SATO, M et al; *Os condenados da pandemia*. Cuiabá: GPEA, UFMT & Ed.Sustentável, 2020.

SOARES, I. de O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, I. O. A Educomunicação a serviço dos Planos Estaduais de Educação para os Direitos Humanos Ismar de Oliveira Soares. In: MOREIRA, B. D. *Educomunicação e Transmídia: um Encontro na Escola dos Media, Ciência e Saberes Populares*. Cuiabá-MT: EdUFMT, Editora Sustentável, 2019.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2004.